

A Justiça universal é somatório da justiça de cada homem

OASIS, 3 de Janeiro

É, certamente, em um lugar que estou escrevendo, mas o nome que lhe faz as vezes, é o de um Movimento de Espiritualidade ao serviço dos jovens onde tantos dos nossos rapazes têm vindo matar sedes mais fundas, específicas do homem, que um mundo desertificado de valores do espírito não sacia. Só em oásis de frescura e fecundidade evangélicas (que ainda os há e sempre haverá, por Misericórdia de Deus) vale a procura — ali onde «quem procura, acha» a satisfação, a Paz que Jesus nos trouxe e constitui o mais precioso património da alma.

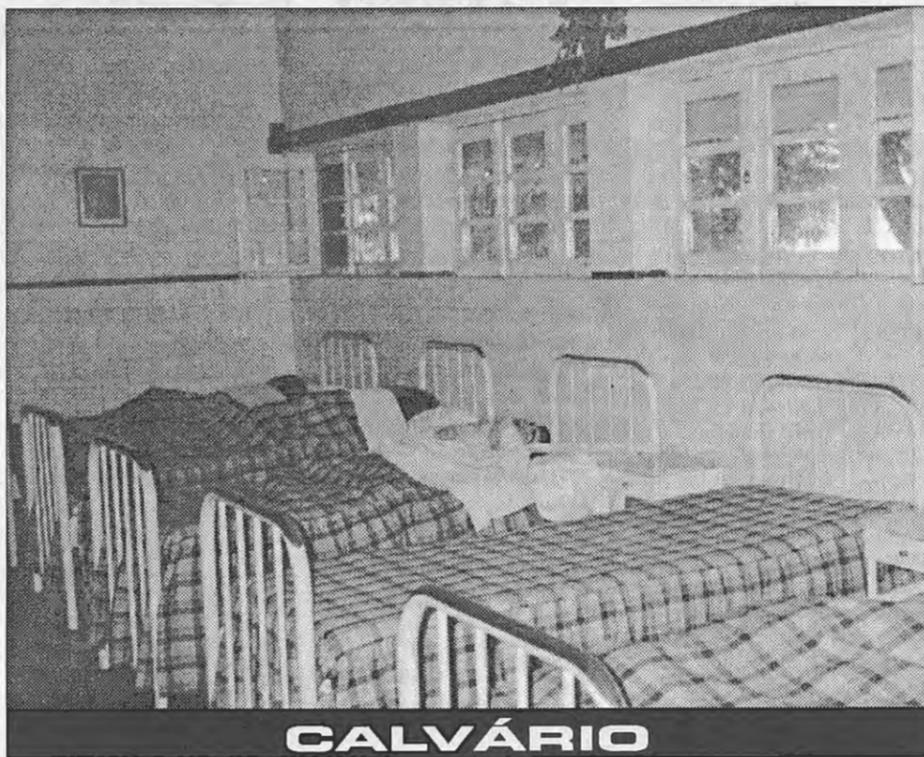
O OASIS celebra hoje os seus quarenta anos em Portugal, marcados por um grande convívio entre muitos jovens que por cá têm passado; e entre eles e os animadores que dão vida ao Movimento. Por isso viemos, uma dúzia dos nossos, à celebração presidida por D. Armindo, juntar à de tantos outros jovens a nossa acção de graças pelos benefícios colhidos ao longo de vários anos e suplicar mais graças para quantos venham a ter e a aproveitar esta oportunidade pelo tempo em fora.

Aqui ressoa com muita intensidade e alta fidelidade, a palavra do Papa para o Dia Mundial da Paz: «Da justiça de cada um nasce a paz para todos».

É sabido que «a obra da Justiça é a Paz».

É em cada homem, na medida em que ele opta — uma escolha racional, consequente, voluntariosa

Continua na página 3



CALVÁRIO

Património da Humanidade

ALGUMAS cidades da nossa Pátria foram reconhecidas como Património Mundial. Todas elas são dignas de tal estatuto pela sua singularidade, pelo seu valor artístico. A última candidatura a ser aprovada foi a da parte histórica da Cidade do Porto.

Conheço bem estas praças, seus monumentos, praças e ruelas. Quando ali me desloco, gosto de apreciar a beleza e a harmonia do que vejo. Contudo, a razão que ali me leva, de

vez em quando, é a urgência em responder a pedidos de acolhimento de doentes que vivem escondidos por detrás das fachadas dos prédios históricos.

Em tempo, da rua de Belmonte veio para aqui uma pobre mulher paraplégica, abandonada pelo marido e com uma filha menor a seu cuidado. A situação era insustentável. Recolhemos a doente e encaminhámos a filha para lugar adequado.

Também do Barredo veio outra doente que, durante anos, foi pretexto para

esmolas e ajudas aos familiares. Falecidos estes, a Pobre ficou só e indefesa, porque hemiplégica e com forte atraso mental.

E da Banharia, da Ribeira outras vieram também.

Hoje recebemos mais uma doente da mesma zona citadina. Vivia só, em compartimento a ruir de podre com soalho esburacado. Esta pobre senhora está sofrendo as consequências de neoplasia gástrica, já em estado muito avançado. Somente com estupefacientes suporta as dores fortes e

incómodas. Não tem ninguém. Vizinhos e amigos ali se deslocavam com a comida e o carinho para as limpezas indispensáveis.

No entanto, tudo tem o seu tempo neste mundo. Até as amizades, a disponibilidade, a ajuda material são tantas vezes efémeras.

Os afazeres impedem. O cansaço sobrevém. As desculpas são fáceis de apresentar. Os sentimentos humanos são, na verdade, passageiros. Qualquer pequena coisa os faz desaparecer.

Só a Caridade perdura porque mergulha as raízes na Fonte que nunca seca. Actualmente a caridade é substituída pela *solidariedade*, mas as raízes desta são outras...

A pobre doente ia mesmo ficar sem ninguém pronto para ela. Veio do coração do Porto, Património Mundial, que prossegue a tarefa árdua e morosa do alindamento para continuar a merecer a presente honra. Contribuímos para tal limpeza com a retirada desta Pobre.

Esta doente sofredora, indesejável, faz-me pensar que afinal o sofrimento é coisa que os homens não desejam nem desejam ver ou entender e, por isso, o procuram afastar do seu convívio. No entanto, todo o homem sofre. O sofrimento está na vida de todos. É herança comum de todos. É mesmo essencial à vida humana. Explicá-lo não é fácil. E muitos desistem de tentar compreendê-lo.

Continua na página 3

ENCONTROS em Lisboa

Bodas de Ouro

O Natal passou. O Ano Novo chegou. As Bodas de Ouro da nossa Casa cumpriram-se. A forma como tudo decorreu lembrou-me a frase de um romance de Bermanos que li na juventude e que muito me deu para pensar. Era a síntese da vida que o actor principal do livro fazia. O romance chamava-se *Journal d'un Curé de Campagne*. A frase que nestes dias fui contemplando nas zonas de silêncio da minha vida, rodeado de tanto boliço, é esta: «Tudo é Graça».

Com efeito, fomos servidos de tudo. Carinho, compreensão, estímulo. Tudo isto não se vende nem se compra no mercado, só a disponibilidade das pessoas o pode fazer e, por isso mesmo, são bens preciosos que só

podem ser apreciados pelo nosso coração. Porque, entretanto, também nada nos faltou dos bens que se compram e vendem: as guloseimas, as prendas, as ofertas, as cartas, a comida, a bebida... Tudo chegou a nossa Casa com um valor acrescentado: traziam marcas de amizade e nós fechávamos os olhos e deixávamos que o coração olhasse e, depois, também com as palavras do coração, íamos dizendo muito obrigado às pessoas e lançávamo-nos nos braços de Deus a ver se compreendíamos a frase do Apóstolo: «Deus é Amor».

Para que nada faltasse mesmo, também houve o sofrimento, esse lado escuro do mistério da vida humana que a morte e ressurreição procuram iluminar. Calo esse lado da vida. Fica conosco. Se muito badalado perde o perfume.

Continua na página 3



Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

MAIS NATAL — Naquele dia, àquela hora, entrámos no bar duma colectividade, em espírito de serviço.

Cumprimentámos todos, como manda a delicadeza.

Os nossos olhos, porém, fixaram ali o encontro dum Pobre com um vicentino.

Foi mais uma luz de Natal...! Até pela integração desse Pobre no meio, numa era em que, sem demagogia, a nível global, os que precisam são cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos.

Naquele dia, àquela hora, esse outro vicentino, sem dar fé — que bom! — cumpria, a seu modo, a Mensagem do Presépio, Arca de todas as Mensagens divinas.

Mau grado a nossa pequenez, e porque a Luz não é para esconder debaixo do alqueire, o ancião que saboreou o cafezinho com o vicentino da sua estimação, deixa em nossa casa, discretamente, esta carta — com muito do seu coração!:

«Permitam estas modestas palavras, mas não sei como agradecer os sentimentos que têm pelos mais desprotegidos. Por mim tenho um sentimento: não sei corresponder a tantas benfeitorias que nos são prestadas e como não tenho palavras para dizer o que sinto, ao menos, rogo a Deus que vos cubra de bênçãos, de graças temporais e espirituais.

A vós recorro, novamente. Vejam se é possível telefonarem para a Providência, para que mande os subsídios de meu filho. Estão com dois meses de atraso...»

PARTILHA — Ul (Oliveira de Azeméis): a assinante 51033 manda cinco mil escudos «para o bacalhau» da consoadada dos Pobres.

Covilhã: postas as contas d'O GAIATO em dia, a assinante 10715 destina «o que sobrar para a família do casal desempregado (vosso Jornal de 6/12/97). Sei que o 'empréstimo' ser-lhe-á pago pelo Senhor».

Outra «peregrina», da Covilhã, assinante 18262, traz remessa abonada, destinando parte «para o mais necessário à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Mais um óbolo, da mesma forma, pela mão da assinante 3119.

Agora, assomam à porta com discrição e (habitual) alegria d'alma. Ele, é o assinante 20909, do grande Porto, que saca um cheque do bolso; ela, disse ele, «é uma senhora minha amiga» que pousa em nossas mãos duas notas do Banco de Portugal. «Tudo isto para o que for preciso.» E foi, naquela maré, para a conta da farmácia! Providência divina!

Avenida do Brasil — Porto: uma leitora com vinte mil, expedidos na véspera de Natal «com votos de Paz e Alegria» — cristãs.

Uma senhora, do Porto, pergunta, pelo telefone, se aceitaríamos «três xales e um cobertor para os que mais precisam». Esclarecemos: — É roupa que os Pobres gastam diariamente.

Lisboa: a oferta mensal da assinante 31104, tendo o cuidado de expedi-la de forma que «a possam receber antes do Natal». Chegou a tempo! Acrescenta: «Há uma pessoa por quem me interesso e que tem um problema de saúde. Mas a Deus nada é impossível. Com a intenção em suas melhoras remeto algo mais, que desejo aplicado em medicamentos. Tenho pena de quem não tem possibilidades para os comprar». Há uma legião de Excluídos — como agora dizem para aí — sofrendo verdadeiros calvários!

S. Pedro do Sul: mil e quinhentos escudos da assinante 8618. Vale do correio da assinante 27932, de Lisboa. Dez mil, da assinante 11856, do Porto. Remanescente de contas, da assinante 15693, de Oeiras. Votos de melhoras. Oferta da assinante 31254, de Fiães (Feira), «para a compra de remédios para alguém necessitado». E não são poucos!

Dez mil, de Tavira: «peço rigoroso anonimato». Outro, do Porto, com o dobro. Cumprimos! Presença da assinante 23312, de Avanca, cujos «77 anos estão a fazer-me preguiçosa para escrever! Mais uma vez afirmo quanto aprecio O GAIATO pela mensagem que nos transmite e nos prende com a sua leitura — que não pode ficar a meio!» No topo, a carta cita um pensamento de Héber de Lima: «Conta aos homens o azul das tuas Primaveras e nunca as tempestades do Verão...»

Retribuímos os desejos de santo Natal e Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

RETALHOS DE VIDA

Luís

Eu sou o Luís Carlos da Silva Ferreira Ângelo, nasci no dia 6 de Setembro de 1985, na freguesia de Mafamude, concelho de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto.

Antes de vir para a Casa do Gaiato, em 7 de Maio de 1995, vivia com o meu pai e com os meus irmãos. Por isso, tinha uma vida muito triste porque a minha mãe deixou-nos... e ficámos só com o nosso pai!

Mas, um dia, a minha tia trouxe-me para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Frequento a quarta-classe e gosto muito da minha professora, que ensina muito bem.

Ando na escola para aprender a ser um homem. Quando for grande quero ser padeiro.

Luís Ângelo



Aprender!

Eu quero tudo observar,
Pensar e amar!
Não me ponham a dormir...
Não me tirem o gozo de rir.
É salutar viver a vida!

Eu quero o conteúdo
E não a forma
Da arte de viver.
Não me tirem o futuro.
Aprender a viver
É uma lição maravilhosa!

Eu quero a pureza da arte
E não a obsessão da carne.
A sabedoria gera riqueza!...
A violência é pobreza.

Eu quero o prazer da leitura
Porque ensina-me a sair da penumbra.
Não acredito na bruxaria
Nem na misantropia
Porque conduzem à cegueira...
A poesia é uma fogueira
Que dá energia ao meu espírito!
Estou vivo como o repicar dos sinos!

Manuel Amândio

PAÇO DE SOUSA

FORNO — O Natal passou... Foi uma grande festa!

Este ano não pudemos comer um assadinho porque o forno, envelhecido, já não tem forças para aquecer. Tudo acaba, mas a esperança está sempre conosco.

Precisamos de um fogão de lenha. Temos muita. E torna a comida mais saborosa, mais económica.

Não haveria por aí algum Industrial de padaria que, mesmo por anonimato, queira alegrar os nossos padeiros?

ANO NOVO — O Ano Novo foi, para quem cá esteve, uma rica festa.

Alguns foram passar o feriado com a sua família.

Esperamos que, este ano, haja muita paz e amor para todos os que não têm.

ESCOLAS — Já começaram as aulas. Este segundo

período é uma oportunidade para resolverem os testes que tanto queriam corresse bem. Por isso, não devemos perder esta oportunidade para o nosso futuro.

INVERNO — Ainda não se separou de nós. Chove. Faz frio. As árvores parecem tristes.

Quando vier a Primavera ficarão cheias de folhas e flores. Algumas delas, mais tarde, darão frutos.

Rui Manuel

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Já aqui falámos de um casal que vive nos arredores do Porto, em barraco sem condições de habitabilidade, que alberga mais dois filhos e o terceiro já vem a caminho.

Ele trabalhou nas obras das pontes de S. João e do Freixo. E a mulher tem vindo amiudadas vezes pedir ajuda. Quisemos saber o motivo.

«O meu homem não tem ido trabalhar. Não se sente bem. Ele custava nas obras da nova ponte sobre o Tejo, mas teve que deixar. Doía-lhe o peito e tinha falta de ar e andava muito nervoso. Até aqui, em casa. O trabalho dele era andar com uma máquina nos fundos a abrir buracos.»

Diz que, quando lá estava, lhe custava respirar.

Fomos encontrá-lo na cama. Aos pés, as duas crianças brincavam. Envergonhado, falava com nervosismo.

«Agora que ia deixar de trabalhar à hora e passar a descontar para a Caixa, fiquei sem emprego! Não tenho que dar de comer aos meus filhos. Sou um desgraçado!»

Eles precisam de mais um bocadinho, além daquilo que vamos dando. É alimentação, remédios, luz, gás. É preciso que se cure e alimente. Dele depende o sustento de quatro pessoas.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Neste correio de Ano Novo queria abrir esta segunda parte com as palavras duma pagela enviada do Porto: «O coração que ama tem sempre alguma coisa para oferecer». Juntam cheque de dez mil escudos.

Da Amadora, um cheque de dez mil escudos também. Rua Campo Lindo, Porto, outro de dez mil. Assinante 47518, cinco mil.

De A.S.R., cinco mil. Mais dez mil, de Lisboa, «para ajuda dos nossos irmãos mais necessitados». Rua Anselmo Braancamp, três mil e quinhentos escudos. Da assinante 6313, dez mil, «para ajuda das despesas da Conferência». Da Esplanada do Castelo, cinco mil. Outro tanto, dum anónimo.

Rua da Alegria, cinco mil. Anónimo, de R. D. Domingos Brandão, vinte mil. Setúbal, «para ajuda das despesas», dois mil. Outro tanto da Rua Gomes Freire.

Um amigo, da Alemanha, com cem marcos: «Amigos, envio esta pequena gota para tornar melhor o Natal dos mais desamparados e seguir o exemplo de meu pai, na noite de Natal que ao sentar-se à mesa dizia: — Já posso comer descansado!» Cinco mil, da assinante 8843.

Querida terminar com as palavras de Paul Claudel: «Ensina aos homens que não têm outro dever neste mundo senão semear a Alegria», enviadas por anónima, de Coimbra, com um cheque de quinze mil escudos.

Bem hajam todos. O nosso voto de um Ano Novo cheio de felicidades.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Adelaide e Zé

Calvário

Continuação da página 1

Só Cristo dá a resposta certa a quem se alimenta da fé n'Ele.

Cristo aceitou o sofrimento por amor, para Redenção dos homens. Mas, embora tenha realizado a Redenção em plenitude pelo Seu sofrimento, ao criar a Igreja, como Seu Corpo, quis que Ela completasse a Obra da Redenção. S. Paulo o afirma na Carta que escreveu aos Colossenses: «Completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo, pelo Seu Corpo que é a Igreja».

Nela Cristo abre a porta à participação dos homens que assumem o sofrimento por amor como Ele.

Neste sentido, a Paixão de Cristo ficou incompleta e vai-se realizando e completando no tempo e no espaço, na pessoa de todo o homem que sofre.

Ora, se o sofrimento de Cristo é Património da Humanidade para Redenção desta, igualmente o homem que sofre é Património da Humanidade, Património Sagrado. Nós precisamos dele. Ele deve ser estimado, respeitado, admirado. Pois, sem o saber, sem por vezes ter consciência disso, ele é pára-raios da Justiça divina para com a humanidade pecadora.

Padre Baptista



«Batatinhas» de Paço de Sousa

SETÚBAL

O nosso Natal foi simples

A maneira do de Jesus. Por isso, muito bco. Não nos embalou o fantasma inventado do *Pai Natal* com injeção do consumismo. A sedutora Beleza da Festa brotou no coração dos rapazes e dos Pobres em gestos de extremo encanto.

Quinze dias antes chegava eu a casa, das minhas incontáveis voltas e dou com os olhos em duas mulheres recostadas nos degraus da rouparia apanhando uma réstia do escasso sol deste Inverno. Ao reconhecerem-me, levantam-se com dificuldade, apoiando as mãos nos degraus, mas prontamente como que despertadas por um sentimento nobre, dirigem-se à minha pessoa para me beijarem. Claro que aceitei a sua manifestação de afecto e retribuí com alegria interior e natural dificuldade. As senhoras cheiravam muito mal. Pelo olfacto percebi que estava a ser beijado por Jesus e arpeiei-me na emoção sobrenatural experimentada. Era Ele que me estava a lembrar o Natal.

Os Pobres vêm até nós em busca de algo que satisfaça as suas variadas carências, logo que os *media* erguem arrogantemente o espantinho do *Pai Natal*. São os alimentos, as roupas, as receitas, a renda da casa, os brinquedos para os filhos, as camas, os guarda-roupas, uma palavra encorajadora de

esperança, o sabor de se encontrarem conosco. Somos verdadeiramente *comidos* por eles em deliciosas e variadas dádivas.

Apesar de esmagados pela enorme tarefa a que nos lançámos para modernizar as instalações do nosso gado, os rapazes ainda arranjaram tempo para ensaiarem uma maravilhosa festa que proporcionou a quantos estiveram conosco, na noite santa, indescritíveis sentimentos de inocência, arte e beleza cultural natalícia. «Nós não trocamos o sabor desta noite na Casa do Gaiato pelo leite de outro convívio, mesmo de pessoas muito amigas» — confidenciava a mãe de uma família que, todos os anos, com marido e filhas já universitárias, vêm viver o Natal conosco.

De Menino Jesus fez o Luís Carlos, filho do Sousa e da Rosalina. Esta criança tem sido a nossa doçura, aos fins-de-semana, desde que fomos despojados do nosso bebé. Ele anda às cavalitas de todos. Por todos é beijado e acariciado. Os pais que foram nossos desde pequeninos vêm agora com o seu filho retribuir-nos um pouco da ternura que lhes demos.

Em vez de uma imagem feita de qualquer material, preferimos beijar um menino vivo. Ele, sim, imagem viva do Menino Deus. Os pés, os joelhos e a face do Luís foram alvo do enternecimento de todos em efusivas manifestações de alegria.

Os comprometidos com o bacalhau e os frangos vieram carregados abundantemente. Muitas pastelarias de Setúbal, Cruz de Pau,

Corroios, Lagameças mandaram seus bolos, fabricados de propósito para os gaiatos, quentinhos e deliciosos.

Várias Escolas e Colégios elaboraram suas campanhas de Natal trazendo dinheiro, calçado e brinquedo.

A Câmara Municipal de Setúbal, pela mão do seu Presidente, entregou-nos cinquenta bolos-reis, cinquenta e dois contos mais quinhentos francos enviados de França por uma comunidade emigrante para as crianças pobres do Concelho.

A Paróquia do Seixal renovou a sua tradicional peregrinação, em dia de muita chuva, e deixou com muito carinho duzentos e cinco contos.

O ofertório da Capela da Quinta das Torres, em Azeitão, rendeu novecentos contos. A Paróquia de Marateca mandou, pela Irmã Joana, 45 contos.

Estamos abertos a todas as Igrejas cristãs e somos pólo de ecumenismo consolador. Cedemos as nossas instalações na Arrábida para retiros e oração da Juventude cristã não católica e somos também motivo da sua comunhão. Assim, a Paróquia do Espírito Santo da Igreja Lusitana Evangélica de Setúbal, com visível fraternidade do seu Pároco e um grupo de membros, ofereceu 43.157\$00; e da Igreja de S. Jorge e S. Paulo, de Lisboa, 55.000\$00.

Mantém-se vivo o zelo dos organizadores das campanhas de Natal dos Trabalhadores da Portucel Industrial, 267.080\$00; da Secil, 129.780\$00; do Centro Regional da

Segurança Social, 62.223\$00. No Montijo, a D. Piedade juntou 142 contos e muitos mimos. Da Navigones recebemos 300 contos; da Portucel, 150; e da Setubauto, 20. Nónio Hiross, 1.500\$00 mais 20 contos; J. J. Torcato, 20. Chegaram alguns primeiros ordenados e primeiras reformas, baixos em quantias mas altos em valor. São os Pobres que repartem. Cinquenta contos de um casal novo que espera o primeiro filho. O mesmo, dos nossos analistas; da Maria Nilze, do Virgílio, António Jacinto, Maria Eulália, Carlos Filipe e esposa, Vítor Manuel e Maria Dulce.

Vinte mil escudos do João Ferreira, Maria Amália, Paulo, José Lucas, Miquelina, Maria, Ruy, Ursula, Ângelo, Joaquim, Germana, Elsa. Os cinco, foram mais de 20. Os quinze, uma dúzia. Duzentos e cinquenta, foi um. Duzentos, outro. Quinhentos, também um; e outro, de setecentos. Os mil, uma vintena. Os dois mil escudos, meia dúzia. Alguns, 7.500\$00. Também um ou dois de 60.000\$00 e setenta e cinco.

Um Natal que nos convida ao trabalho e ao silêncio na gratidão pessoal e feliz de quem é materialmente amparado. Um Natal que é também uma oração ao Senhor para que abra corações à heroicidade da entrega completa em Padres e em Senhoras.

A seara é trabalhosa, mas imensa. É necessário quem semeie para que o Natal cresça em beleza no meio dos homens.

Padre Acílio

A Justiça universal é somatório da justiça de cada homem

Continuação da página 1

— por ser justo; e por isso não volta a cara a obstáculos; sejam seduções melífluas dirigidas aos sentidos, sejam contrariedades que o mundo lhe opõe — antes os afronta, consciente de que a Paz autêntica, a que Cristo nos deixou, é também fruto de uma luta que dura quanto a vida. É mesmo o ardor da luta que requinta o sabor da Paz. E quando digo justo, penso a palavra no sentido bíblico, retratada, por exemplo, nesse Herói pacífico que se chama Job.

E é também a Paz para todos os homens fruto da Justiça: mas, pelo que se tem visto em milénios de História, não da que os Poderes forjam e editam e impõem, minada por vícios de orgulho, de concupiscência, de ambição; sim da Justiça sinceramente diligenciada por cada homem, que o torna fonte irradiante de paz. São estes mesmos, que a História também regista, traços de muitas injustiças como barragem erguida em rio caudaloso que lhe domina a força destruidora e o torna manancial de energia benéfica.

A recta igualdade, a fraternidade entre os homens — sinais de um mundo mais justo e pacífico — dependem do uso da liberdade de cada homem. Ou ele age por si no sentido do Bem Comum ou teria de lhe ser imposto este sentido por uma Autoridade arbitral que a História ainda não mostrou capaz de evitar qualquer dos extremos: ou um liberalismo que é a negação da liberdade para todos os homens; ou um autoritarismo que a esmaga. Não se vê que tal Autoridade possa ser outra senão a consciência do homem. Por isso, «da justiça de cada um nasce a paz para todos». Por isso a Justiça universal é somatório da justiça de cada homem. Por isso, quanto se investir no homem — na recta formação da sua consciência, na aprendizagem da sua liberdade no serviço da igualdade e fraternidade entre todos — é construir a paz para todos.

Tão pequenino e tão grande é o homem que dele depende a paz para todos! E quanto mais pequenino souber ser, maior será efectivamente!

Neste OASIS em que escrevo, ressoa, na ver-

dade, muito intensamente a voz do Santo Padre, que é a do Evangelho. Aqui é um lugar pequenino, insignificante aos olhos do mundo, onde se procura consolidar na pequenez de

cada um, a compreensão exacta da sua grandeza: «A paz para todos os homens precisa de mim, justo».

Senhor, que todos estes jovens escutem e aceitem e

guardem pela vida fora este desafio. Por este caminho, sim, teremos razões para esperar, amanhã, um mundo melhor.

Padre Carlos

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

Voltou a rotina e, com ela, as preocupações escolares e profissionais dos nossos rapazes. Quanta paciência é necessária para viver com estas questões todos os dias! Sabemos, no entanto, que é através deste dia-a-dia recheado de vidas que se vai lentamente fazendo a ruptura com a reprodução da miséria e, ao mesmo tempo, se vão construindo homens dignos e integrados na sociedade. Às vezes perguntam-me o que é para mim o êxito da Casa do Gaiato e costumo responder que é o da dignidade humana. Isto basta, porque sem dignidade podem ter-se muitos colarinhos engomados e brilhantes diplomas, mas são chocalhos à volta do pescoço.

Gostaria de desejar a todos os nossos Amigos um Ano Novo a partir do coração, centro de toda a vida humana.

Padre Manuel Cristóvão

Malanje

Natal africano

O MEU menino chama-se «Minguito»! Tem dez anos. Ele nos cativa com o seu olhar meigo e sorriso simples.

Vai passar o seu Natal longe de nós e no leito. Há seis meses caiu de uma árvore e foi tratado como tendo fractura da bacia; mas não. Foi para Luanda e lá detectaram uma doença grave nos ossos.

A Irmã Dominique está tratando dele. Ainda não anda. Não poderá brincar com seus brinquedos nem correr pelos nossos campos, muito menos subir a um abacateiro.

Sozinho no leito com o seu sorriso encantador! Sei que vai ficar feliz com os bombóns que lhe mandamos.

Poucas crianças das sanzalas e dos grandes bairros das cidades terão o seu Natal. Brincarão — como todos os dias — com as bolas de trapos, latas a fazer de carrinhos e,

se chover, tomarão banho nas poças mais fundas. Poucas verão um presépio. Elas são bem a imagem do Menino Jesus, ignorado e pobre, da gruta de Belém.

Sei que Ele — o Menino — vai compensá-los com mais alegria no coração que as abarrotadas de lindos e sofisticados brinquedos.

Descalços! Com que idade o Menino teria tido as primeiras sandálias?

Contraste «gigante» entre o requinte e abundância de tudo nas populações do primeiro mundo e a carência gritante das multidões apinhadas nos grandes bairros das nossas cidades de África...

Mas onde está a verdadeira alegria?

Sei, por experiência, que os nossos rapazes dançarão, felizes, toda a tarde de Natal ao som das cassetes que o nosso chefe Bernardino colocará no gravador.

De que servirá ao menino de cabelos loiros o seu brinquedo caro se não tiver alegria no coração?!

Regressemos às fontes do amor, do desprendimento e da simplicidade, lá na nascente cristalina da comunhão com o Senhor!

Padre Telmo



A *ti* Ana com homens cristãos que vão ajudá-la a acabar a casinha.

DOCTRINA

Glória a Deus
nas alturas
e paz na terra
aos homens
de boa vontade

Do Evangelho



canonização sublime. É a pregação viva do dogma da Providência de Deus — «nunca lhe há-de faltar!». É documento que me acredita diante de todos e, por amor dele, todos me acreditam.

NÃO troco estas credenciais pelas do Palácio de Belém, recamadas de ouro e cortejos luzidos. São convenções sociais que não fazem mal a ninguém. As minhas, sem ouro nem aparato, fazem Bem. A minha ida a Lisboa buscar o Natal dos Pobres, não quer dizer que eu prescindia daquelas pessoas do Centro e do Norte que usam estender o seu auxílio, todos os anos, à Obra da Rua; não senhor. Se te esqueces este ano de mim (tenho por hábito lembrar-te nos mais), não deixas um posto meramente vazio, antes brecha por onde entram o desgosto maior o descrédito dos Pobres, o que é bem pior. Ob, desgraçada fortuna que se desacredita perante a gente humilde! Como esta mesma gente sublime, ao contrário, as fortunas de rendimento social! Eu quisera reproduzir aqui o discurso de um operário que foi deixar um filhinho na Casa do Gaiato, recomendado pelo seu patrão. Sim; não prescindindo. Não me deixes sozinho este ano, que eu não costumo gritar a lobo em vão como o pastor da fábula.

(...) **S**É fiel à tua vocação, perseverando no Bem. Temos ainda viva a Maria leprosa; temos a multidão dos garotos da tina e doenças congêneres; temos os adultos que já passaram à classe de *asilados* pela demora na cura. Alguns dos pequenos da Casa do Gaiato não-de ir fazer ali (aos Lázarus) o Natal dos seus pais com as suas ofertas. Não te canses, que eu também não. Não meças o esforço pelos resultados. Pode ser que nunca vejas estes, mas isso não importa; a balança da Justiça divina tem o fiel no sítio. Adeus.

P. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

NÃO sou o primeiro, que os mais periódicos já falaram; mas venho ainda muito a tempo de formar na bicha dos pedintes do Natal. Natal amorável e silencioso que vai pessoalmente e não confia a ninguém a leitura da Mensagem de Jesus que naqueles dias se lê aos que acreditam e esperam. Há dez anos que o peço assim e ainda me não cansei de pedir nem tu de me escutar.

O tempo desgasta as nossas dores, as nossas alegrias e as nossas melhores resoluções; desgasta tudo. Água mole a cair inexoravelmente sobre a vida dos mortais, o tempo é o nosso inimigo e faz a nossa desgraça. E se é verdade que o tempo também desgasta os fogos-fátuos com que se costuma apelar a caridade, perde contudo toda a sua acção na chama divina da Caridade. E é justamente por isso que, hoje, como há dez anos, como daqui a outros tantos (*Christus hodie*), eu venho a este lugar com palavras moças dizer a mesma coisa sem nunca me repetir.

NA semana que vem, conto ir a Lisboa com esse fim. Estou ocupado com a lista das portas aonde hei-de bater; algumas porque antecipadamente me chamam, outras porque espero chamar e ser atendido. Levo comigo altas recomendações, as melhores que o mundo tem para oferecer aos homens; e eles, os pequeninos seres de brilhantes ao peito e charuto na boca, ateam em desdenhar — levo comigo a recomendação do Pobre. «Ah, Padre, que o Senhor nunca lhe há-de faltar!» Tão pobre esta mulher que assim me falou! Deixa dois filhos de peito e vai para Lisboa procurar a cura de uma doença que a não tem. É uma

coberta a telha vã, sem tectos nem caiações, sem chão de casa de habitação. Sem espécie de quarto de banho. Chovia cá fora e lá dentro. O filho estava a ceiar o resto do almoço. A mãe sentada à lareira onde ardiavam ramitos secos de pinheiro. O pai

ainda não tinha regressado.

Dissemos ao grupo que contasse com a nossa ajuda. Que não percam tempo.

Já em casa o telefone chamou-nos a dar boa notícia. No dia seguinte ficaria pronto o quarto que tínhamos pedido que fizessem

para os filhos do casal que tem oito. O artista não queria entregar sem eu ver as obras. Foi uma notícia alegre. Os filhos têm um quarto para dormir. Fui alegrar-me com eles.

Padre Horácio

Património dos Pobres

Um dia
todo de aflições

COMEÇAMOS de manhã. Subimos a encosta da aldeia. Terminou a estrada e eis-nos a pé pelo carreiro que nos levou ao casebre da *ti* Ana. Ela apareceu logo. Pobrememente vestida e com uns restos de sapatos a servir de chinelos. A *ti* Ana é uma santa. O marido e um filho estiveram acamados muitos anos e ela tratou-os sempre com muito carinho.

Apareceu também a filha. Aspecto sombrio e estranho. O marido abandonou-a e ao filho de ambos. Agora trabalha quando calha.

O neto, filho da filha, também estava presente. Um homem novo com aspecto saudável. Sem tra-

balho. Abandonado pela mulher, ficou à sorte da vida. E assim continua de mãos paradas.

Construíram uma casinha mas não a acabaram. Nem rebocos, nem chão, nem portas, nem janelas. Ao lado estava um lote de cacos de cimento que eles abandonaram. Estão sem iniciativa. Ficámos a olhar para todo aquele abandono e não fomos capazes de projectar nada.

Descemos e no meio da povoação encontramos uma casa antiga que já foi boa e abandonada. Agora pertence a uma viúva que tem um dos filhos na cadeia e o outro anda metido na droga. Os donos da quinta, de quem o marido foi sempre quinteiro, deram-lhe a casa na aldeia; e ela: — *Quero passar os últimos dias na aldeia onde nasci.* As jane-

las precisam de renovação e de vidraças. A casa não tem quarto de banho e há muito que não é caiada. Confiámos as obras a casal vizinho que se ofereceu para ajudar e passámos a outra aldeia.

Aqui, estavam a acabar o telhado de quem pediu a nossa ajuda. Ficámos contentes e regressámos a nossa casa. Eram horas de almoço e, já à mesa, veio um dos nossos rapazes chamar-me para atender uma senhora que estava no largo. Com ajudas conseguiu construir uma casinha, mas já não pode mais. Vinha pedir o pagamento dos mosaicos para o chão: — *É mais fácil de limpar. Eu sou uma mulher doente.* Dei o meu sim e ela despediu-se com a alegria do estender da mão.

De tarde fomos a uma vila distante. O grupo sócio-caritativo da terra pediu a nossa ajuda. Entrámos no primeiro estabelecimento aberto e logo um operário nos informou e se prontificou a acompanhar-nos. Seguimos até ao fim da estrada e encontramos a habitação no meio de pinheiros.

É um casal de idosos com um filho demente, por vezes violento. A casinha é

PENSAMENTO

Pela Graça de Deus, muito encostadinho a Ela, qualquer mortal pode erguer um irmão da lama sem se sujar.

PAI AMÉRICO

TRIBUNA DE COIMBRA

Tantos gestos
de amizade!

O Natal trouxe até nós uma enorme cadeia de bondade e partilha fraterna. Pareceu-nos que excedeu os anos anteriores. De facto, foram tantos os gestos que seria quase impossível descrevê-los um a um. Da cidade de Coimbra chegaram ofertas desde os 500 escudos até uma de 250 contos. Pelo caminho ficaram dezenas de cheques de 10, 5, 2, e mil. Mas não foi só Coimbra, obviamente. De quase todas as terras do Centro do País houve presenças significativas. Vamos enumerar a maior parte

delas, dando graças a Deus pelo bem que recebemos.

De Coimbra já dissemos. Destacamos somente que as ofertas depositadas na Casa Castelo e na loja do Fernandito já foram entregues. O Dr. Pedro é o dos 250 contos; e Mattos Chaves vem logo a seguir com os seus 200. Alcibíades vem no final com 500 escudos.

Depois temos ofertas da Anadia — a Real Cave do Cedro. J. Penetra, da Mealhada. Seabra Dias, do Luso. De Soure, ofertas de várias terras em géneros alimentares, envelopes, calçado, brinquedos e roupas. De Castelo Branco, entre outras a «*ti* Domingas», as bordadeiras do Museu Tavares Proença e

a significativa da Imelda, repetida tantas vezes, e que teima sempre comigo em que nada diga. As assinaturas d'O GAIATO, em Caféde, pagas com saudade do seu antigo prior, somaram 42 contos, este ano.

De novo, Coimbra com a ourivesaria Andrade. O mestre André, de Aveiro. O Erelíio, de Tomar. Das Calçadas, Luís Silva. Mais abaixo é Santa Cita e do seu Aviário, para além dos frangos, o cheque anual de Jacinto. A seguir, o Romão, de Arganil. João Simões, de Miranda do Corvo. Daqui também o tradicional bolo-rei oferecido anualmente pela Junta de Freguesia. A Farmácia F. Diniz, de Oliveira do Hospital. O Movi-

mento de Casais de Santa Maria, de Coimbra. Joaquim Gonçalves e Dr. a Salomé, da Covilhã. J. Almeida, de Montemor-o-Velho. Vilela, de Braga. Mais, de Oliveira de Azeméis e Figueiró dos Vinhos. Adelaide, da Granja do Ulmeiro. Sá C. Gil, de Coimbra, a dobrar. Da Sertã, de Cardigos, da Marinha Grande, do Entroncamento, de Massamá, da Lousã, de Alvaiázere, de S. Jorge e o prior de Unhais da Serra.

De Vila Real, de Viseu, da Sobreira Formosa, do Gavião, de Vila Velha de Ródão, de Febres, do Pombal, do Bombarral — Cerâmica Rodeio de Espite, de Serpins, de Carnaxide, da Golegã — Men-

des Gonçalves. De Leiria, Figueira da Foz, Penela, Condeixa, Seia, Abrantes, Poutena, Cebolais de Cima, Brasfemes, CNE da Pampilhosa e da Asseiceira — Tomar.

Para além do que vem dos nossos Amigos do «Continente», em Coimbra, diariamente, recebemos muitos bacalhaus, bolos-reis e brinquedos para a «pequenada». Sacos incontáveis de roupa e muito calçado em bom estado.

Seria «um louvar a Deus» que nunca mais acabava. Não esqueçamos ninguém em nosso coração, mesmo que, nome ou terra não figure nesta lista. Deus sabe bem quem são.

Padre João